

CLEPUL
em Revista

3

Maio de 2015

9th International Conference of the Series: Iberian and Slavonic Cultures in Contact and Comparison : “Rethinking Negativity”

Tuesday, 19th May

I. RETHINKING NEGATIVITY

Chair: Beata Cieszyńska
 José Eduardo Franco, *O Mito Negro do século XVII: A Idade de Ferro portuguesa e a problemática da mitificação das idades*

Margaret Tejerizo, *From “anti” to “contra”: the creative journey from Pechorin to Luis de Vargas explored and exploded*

João Maurício Brás, *A decadência e atraso como facas do negativo*

Pablo Javier Perez Lopez, *Suicidio y contracultura: Émile Cioran y los poetas suicidas portuguesas*

II. RELIGIOUS AND MORAL DIMENSIONS OF NEGATION

Chair: José Eduardo Franco

Małgorzata Lisecka, *Music at the service of religious struggle: composers of the “Jesuit Republic”*

Beata Cieszyńska, *Dinâmicas Próprio/Outro. O papel do jesuitismo e antijesuitismo na cultura sármata da República das Duas Nações*

Zuzana Polacková, *Iberian symbols and Iberian personalities of the Counter-Reformation in*

Slavic Central Europe

Rui Gonçalo Maia Rego, *Thomas Nagel contra o relativismo ético*

Round table: FACES OF NEGATION IN IBERIAN AND SLAVONIC CULTURES: OVERVIEW AND PERSPECTIVES

Chairs: Zlatka Timenova-Valtcheva and Beata Cieszyńska

Participating: José Eduardo Franco, João Maurício Brás, Margaret Tejerizo, Renato Gonçalves, Rui Sousa, Sofia Santos

Wednesday, 20th May

III. ANTIHEROES AND ANTI-CANONS

Chair: Rui Sousa

Maria Pilar Garcia Negro, *A tese e a antítese: dois textos contrapostos de Camilo Castelo Branco e de Rosalia de Castro*

Carme Fernández Peréz-Sanjulián, *A construção contra a norma: aproximação a uma tipologia das personagens femininas na obra de Rosalia de Castro*
 Isa Margarida Severino, *Florbela Espanca – o antitipo do feminino*
 Anamarija Marinović, *Heróis, personagens negativas e anti-heróis nos contos tradicionais portugueses e sérvios*

IV. VOICES OF NEGATION: LANGUAGE AND FORM

Chair: Isa Margarida Severino

Hanna Pięta, *Polish anti-communist discourse in Portuguese translation: On politicized indirect transfer of literary texts from Poland to Portugal*

Nina Lanović, *O mar como um outro espaço nas fraseologias portuguesa e croata*

Dejan Milutinović, *Differences in similarities: Borges’s and Kiš’s (counter)glosses*

Snežana Milinković, *“Libero del Rado Stizuso” and “Libero de le vendette che fese i fioli de Rado Stizuso” in the labyrinth of a parodic plays*

V. SOCIAL CRITICISM THROUGH NEGATION

Chair: Arijana Medvedec

Michael Andrew Nicholson, *De-hermeticizing the Gulag in Russian fiction of the 1990s: Evgenii Pavlov and Oleg Pavlov*

Bogdan Zeler, *Social media as a space for rebellion and rejection*

Annabela Rita, *Pessoalmente... anti e/ou talvez não*

Dragana Vukićević, *Negation as a constituent of parody: Don Quixote and*

Serbian prose of the nineteenth century Majda Bojić, *A crítica social e as representações negativas nas obras de Gil Vicente e Marin Držić*

VI. LITERARY DISCOURSES OF NEGATION – I

Chair: Aldinida Medeiros Souza

Fernando de Moraes Gebrã, *As Rimas da Noite e da Tristeza: arquétipos do negativo na poesia de Alfredo Guisado*

Maria do Carmo Mendes, *Repensar o antisemitismo: os romances de Ilse Losa*

Jelena Jovanović, *Narrative negations as a subgroup of virtual narrative: between the “light” and the “shadow”*

Snežana Milosavljević-Milić, *Negation as a way of virtualizing a story world*

Thursday, 21th May

VII. LITERARY DISCOURSES OF NEGATION – II

Chair: Paulo de Assunção Rui Sousa, *Anotações sobre o Libertino enquanto conceito flutuante de produção de alteridade negativa*

Jayanti Dutta, *Tolstoy on Shakespeare*

Arijana Medvedec, *Islands staging “antis” and “contras”: Croatian and Portuguese perspectives*

Jakub Stanisław Janowski, *Escolhas tradutológicas em pleno mar: contra anticompensação. O caso da tradução polaca do atividário infanto-juvenil* MAR de Ricardo Henriques e André Letria

VIII. (DE)CONSTRUCTING IDENTITY THROUGH NEGATION

Chair: Zlatka Timenova-Valtcheva

Rafal Riedel, *Lower Silesian neglected past – contemporary Identity constructions at the Polish-German borderland*

Tadeusz Miczka, *Time of Negation. Formatting identity in multiple risk situations*

Paulo de Assunção, *Anti-Ditatorialismo*

Gaudêncio Félix Yaku-leinge, *A Filosofia Negativa na visão antropológica dos Ovakwanyama. Presença de influências ibéricas ou iberização?*

Irina Tchoubarova, *From “what it is” to “what it ought to be”: bringing Paul Ricoeur’s narrative identity method to Kazimierz Dabrowsky’s Theory of Positive Disintegration*

IX. ANTI AND CONTRA THROUGH HISTORY

Chair: Anamarija Marinović

Manuel Curado, *Identificação da bruxa: A racionalidade do conhecimento*

do Mal num manuscrito setecentista português Aldinida Medeiros Souza e Ana Flávia da S. Oliveira, *História do Cerco de Lisboa: desconstrução e reelaboração em negação à historiografia*

Evelyn Blaut Fernandes, *Uma teoria do plágio para repensar o negativo na ficção luso-brasileira contemporânea*

Pavel Szobi, *Estudantes portugueses na Checoslováquia: encontros com a ideologia comunista entre 1974 e 1989*

Paulo Jorge Raimundo Guerreiro, *Como os navegadores Portugueses contribuíram para a rejeição do Modelo de Ptolomeu*

X. NATIONAL AND INTERNATIONAL PROMOTION OF IBERIAN AND SLAVONIC RESEARCH IN NEGATION STUDIES

Chair: Beata Cieszyńska CompaRes, CLEPUL and CISCR-ICS

Projects: BEICCCS – Bridging Iberian and Slavonic Cultures through Cultural Contribution of Slavs

Ancelmo Schörner, UNICENTRO – Slavic Studies Centre: Research and University Outreach in Southern Paraná, Brazil

Work-in-progress: Dictionary/Encyclopaedia of Antis in Iberian-Slavonic Perspective

LICEU VIEIRA DIAS, os ritmos e a luta

Carlos Aniceto Vieira Dias nasceu em Luanda e aprendeu piano e guitarra clássica, formando nos anos trinta do século passado uma banda ligada aos ritmos da América Latina, especialmente do Brasil. A introdução de ritmos angolanos e canções do cancionero tradicional começa a ocorrer no mesmo momento em que associações de carácter recreativo e cultural começavam a ter existência reconhecida e legalizada e a publicar periódicos numa cidade e restante colónia onde o Pacto Colonial (1930) e a política indígena (Estatuto Indígena – 1926 e 1929) deixavam de lado todas as políticas integradoras para definir novos estatutos da diferença. Estas e outras medidas transformam a urbe no espaço onde se projectava a perda de poder dos naturais do país nos diferentes serviços e nas zonas de residência. Estabelecida que está, hoje, a importância da música para

os estudos da sociedade, muito há ainda a pesquisar sobre as relações entre a criação musical e a resistência ao poder colonial. Datam do século XIX as primeiras transcrições em pauta de músicas populares e durante os primeiros anos do século XX era principalmente a oralidade o seu suporte.

Nomes importantes como Luís Gomes Sambo de Cabinda (1847), Aurélio de Oliveira Neves (Voto Neves, nascido em 1880, em Luanda) ou Augusto Tadeu Bastos (nascido em Benguela, 1879) fazem parte de um grupo de figuras, filhas do país que ligaram o seu nome ao associativismo, republicanismo e recolha e adaptação da música tradicional às exigências da pauta e novas formas de divulgação.

Com o agravamento das medidas de coacção do regime (deportações para S. Tomé ...), a música (sobretudo, se cantada em Kimbundu) torna-se um meio muito

eficaz de fazer passar as mensagens e as críticas ao regime colonial ao mesmo tempo que se cultuavam géneros musicais e de dança resultados de experiências e misturas a que as memórias do tráfico de escravos não foram alheias. A tendência dos modernos estudos é colocar um esteio cronológico por volta dos anos quarenta do século XX, quando uma geração, à qual pertence Liceu Vieira Dias, tenta pela música salvaguardar um legado de ritmos, cadências, instrumentos musicais, que a sociedade colonial rejeitava e etiquetava como «música de pretos», que devia ser tocada nos *miseke*. Manifestações de tristeza, amores perdidos, antecedem o manifesto e a revolta que haveria de corporizar-se nos anos seguintes.

Liceu e o Ngola Ritmos, que acaba por fundar, consegue (enquanto lhe é possível) trazer o *miseke* ao centro da cidade, fazendo a transcrição e

ACORDO DE COOPERAÇÃO CLEPUL – BNP

O CLEPUL, representado pelo seu Director, e a Biblioteca Nacional de Portugal, representada pela Directora-Geral, Doutora Maria Inês Durão de Carvalho Cordeiro, assinaram em 19 de Maio, no Anfiteatro III da Faculdade de Letras um Acordo de Cooperação, comprometendo-se a colaborar, na medida das suas disponibilidades e

recursos, em função de critérios e condições a definir conjuntamente para cada projecto, na prossecução de acções de investigação que envolvam o estudo de colecções patrimoniais da BNP, bem como em iniciativas conjuntas de difusão, através de conferências e projectos expositivos e editoriais. A BNP compromete-se a facilitar às equipas do

CLEPUL, em condições preferenciais, o acesso aos acervos de interesse para os seus projectos de investigação. Ainda, a facultar gratuitamente ao CLEPUL a utilização de espaços das suas instalações para a realização de iniciativas públicas relacionadas com as actividades do âmbito deste Acordo.

LICEU VIEIRA DIAS

adaptação da *Kazukuta* ao violão, começando por iniciar espectáculos com canções portuguesas para no calor da festa introduzir o Kimbundu e as variações possíveis de acordes e passos. 1948 trouxera o movimento “*Vamos descobrir Angola*” que sem livro ou manifesto obrigou os angolenses a olhar para dentro de si próprios. Preso e enviado para a prisão política do Tarrafal, incompreendido de-

pois da Independência Nacional a Liceu Vieira Dias e ao Ngola ritmos se pode com justiça atribuir o começo de uma nova era para a música angolana.

Referências

ANTÓNIO, Jorge, *Angola, Histórias da Música Popular* (filme).
 ——— *O Lendário Tio Liceu e os Ngola Ritmos* (filme).
 BIGAULT, Ariel de, *Canta Angola* (filme).
 MOORMAN, Marissa

J. 2008. *Intonations: a social history of Music and nation in Luanda, Angola from 1945 to recent times*, Ohio, Ohio University Press.

ROCHA, Edmundo. 2001. *Angola Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno*, Luanda, Kilombelombe, 2 vols.

SILVA, Mário Rui. *Estórias para a História da Música Angolana* (no prelo). **Ana Paula Tavares**

António Ole

Nasceu em Luanda, em 1951, cidade onde sempre viveu e trabalhou. Bolseiro da Gulf Foundation, estudou cultura afro-americana e cinema na UCLA, Universidade da Califórnia, Estados Unidos da América. Especializa-se depois em cinema no American Film Institute de Los Angeles. A Fotografia e a Pintura são actividades principais desde os anos setenta do século XX.

A ideia de fronteira, desde *Margem da Zona Limite* (1994), é um conceito que António Ole persegue e recupera como espaço que se revela poroso a uma troca de informações entre passado, presente e futuro, na medida em que rostos, casas, lugares se transformam e, quando aprisionados pelo olhar do artista, autorizam a exposição das camadas do arquivo e a sua leitura para a qual nos convoca uma «arqueologia do saber» e dos saberes intimamente ligada à resistên-

cia dos materiais e às suas formas peculiares de registar a contagem do tempo. Um pouco como os antigos «senhores da palavra», António Ole conta a história gravada na pele das cidades e deixa janelas abertas por onde outras histórias se escapam ilesas algumas vezes, ou com as inexoráveis marcas das feridas do tempo e da memória. Atento às falas dos lugares que habita, António Ole tem consciência de como as sociedades destroem os seus objetos e fórmulas e, por isso, não se detém a chorar sobre o tempo perdido: fixa-o, recupera-o e deixa-o livre para significar quem queira entender em todas as línguas. Veja-se o projecto *Na Pele da Cidade*, que recupera deambulações muito antigas (velhas fotografias, viagens por perceber, espaços de exclusão e interdito) e lhe acrescenta leituras, materiais, organiza uma gramática, expõe à luz, que é onde a verdade se revela.

A primeira exposição individual é de 1970, no Museu de Angola, em Luanda, e aí já se ensaiam novas formas de gravar os rostos dos habitantes das «cidades invisíveis», os *miseke* separados física e ideologicamente da cidade do asfalto.

«Tenho para mim que o António Ole, com a sua pintura, é quem vai à frente», diz Ruy Duarte de Carvalho no catálogo da exposição de 1985, resumindo o percurso de um artista e de uma geração que procura a informação, dentro e fora do pequeno universo colonial, e conhece e discute Andy Warhol e também a extensão e os limites do filme etnográfico que delinea pela imagem e pela palavra a nação ainda por existir. Menos conhecida que a sua pintura, a filmografia de António Ole é prova disso, na medida em que resgata para a história a vida e a face dos que não são eternos e que se podem recompor como núcleo

essencial de uma particular teoria da História. Sem este filme, *Ao ritmo do Ngola Ritmos* (que esteve dez anos sem poder ser exibido em Angola), saberíamos pouco sobre a importância da «música popular urbana» pela voz dos seus autores, actores e cúmplices. Felizmente, e para lá do filme, os especialistas aperceberam-se da importância da música como fenómeno de perturbação política, luta de classes, contra-poder.

Filmografia:

1975 - *Resistência Popular em Benguela*
 1975 - *Os Ferrovários*
 1976 - *Aprender*

1978 - *Ao Ritmo do Ngola Ritmos*
 1978 - *Carnaval da Vitória*
 1980 - *No Caminho das Estrelas*
 1982 - *New Orleans, Mardi Gras*
 1982 - *Conceição Tchiambula*
 1983 - *Long is the evening, quiet is the day*
 1984 - *Refrigeration*
 1987 - *10 Anos mais Forte*

Sobre António Ole:

ABRANTES, José Medina. 1987. *Cinema Angolano: um passado a merecer melhor presente*, Luanda, Cinemateca Nacional.
 Artafrika - www.artafrica.info/html/expovirtual

BUALA - www.buala.org
 CARVALHO, Ruy Duarte de. [1985] 1999. «Tenho para mim que o António Ole» In: *A Câmara, A Escrita e a Coisa Dita*, Lisboa, Ed. Cotovia
 _____. [1994] 1999. «Margem da Zona Limite». In *A Câmara, A Escrita e a Coisa Dita*, Lisboa, Ed. Cotovia
 DIAS, José António Fernandes. 2004. «António Ole, marcas de um percurso, (1970-2004)». In: *Catálogo da Exposição*, Lisboa, Grupo Caixa Geral de Depósitos, Culturgest.
 SIMÕES, Rui. *António Ole* (filme) **Ana Paula Tavares**

João Marques Lopes e a literatura brasileira em Portugal

Pesquisador da Fundação Biblioteca Nacional, em sistema de residência pelo Programa Nacional de Apoio a Pesquisa (PNAP-R), João Marques Lopes desenvolve um trabalho acerca da recepção de Lima Barreto em Portugal. To-

mando como referência fundamental o espólio do escritor guardado na Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, o trabalho tem por objectivo reconstituir a história e as redes de sociabilidade literária dessa recepção durante a

vida do autor carioca. Esta investigação vem na sequência de projectos anteriores do pesquisador sobre a recepção da literatura brasileira em Portugal. Seu doutorado se centrou na recepção do romance brasileiro do século XX na

revista *Colóquio-Letras* durante o período de 1971 a 1996. Em projeto de pós-doutorado apresentado na Escola São Paulo de Estudos Avançados (2012), explorou a temática das “Mãos que se tocam, testemunham e escrevem: os escritores brasileiros do pré-modernismo nos espólios literários em Portugal (1900-1922)”. Na curadoria da Exposição “Jorge Amado e o Neorealismo Português”, que esteve patente no Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira, Portugal), entre 20 de Outubro de 2012 e 10 de Março de 2013, prosseguiu o seu interesse na acolhida da literatura brasileira em Portugal e em espólios literários.

João Marques Lopes é doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras de Lisboa, tendo sido orientado pela Professora Vania Pinheiro Chaves, da mesma Faculdade, e pelo Professor Paulo de Medeiros, da Universidade de Utrecht.

Leccionou Literaturas Lusófonas na Universidade de Oslo e está como pesquisador integrado no CLEPUL. Publicou vários textos e artigos em revistas e outras publicações académicas, bem como biografias de escritores portugueses, entre as quais a de José Saramago (editada em Portugal e no Brasil, em 2010).

Na Fundação Biblioteca Nacional, João Marques Lopes visa não só identificar e interpretar materiais privados e (in)éditos do acervo de Lima Barreto que possam ajudar à compreensão do acolhimento público e particular do autor carioca nos meios literários portugueses do primeiro quartel do século XX, mas também chegar ao entendimento da própria postura do escritor face a tal acolhimento no outro lado do Atlântico.

Além disso, este trabalho pretende contribuir para o estudo das relações luso-brasileiras do período pré-modernista,

notadamente pela busca de um campo ou sistema de recepção, quer público, quer privado, da Literatura Brasileira em Portugal durante essa época.

Esta pesquisa tem desdobramentos no acervo geral da Fundação Biblioteca Nacional e complementaridades em arquivos literários em Portugal ou noutros acervos cariocas. Até agora, e dentro da lógica de complementaridade do acervo da Fundação Biblioteca Nacional e de materiais existentes em instituições portuguesas, a pesquisa permitiu o conhecimento mais amplo e profundo de documentação que comprova relações de Lima Barreto com Fidelino de Figueiredo, Carlos Malheiros Dias e a revista portuense *A Águia*.

Para conhecer melhor o acervo de Lima Barreto à guarda da Fundação Biblioteca Nacional, acesse <http://www.bn.br/acerovo/manuscritos>.

M. Lourdes Cidraes, *As Lendas Portuguesas. Temas. Motivos. Categorias*, Lisboa, Apenas Livros, 2014

Algumas lendas associadas a fenómenos naturais extraordinários, como grandes penedos, abismos, grutas e nascentes, têm raízes em crenças pré-cristãs de que é exemplo a lenda em que uma enorme rocha se abre para proteger uma virgem cristã do seu perseguidor («lenda da Fraga de Santa Comba») ou numerosíssimas narrativas em que fontes e nascentes jorram no local onde se deu a milagrosa aparição de Nossa Senhora ou de um santo. Memórias de antigos cultos ou rituais poderão estar igualmente subjacentes às festas dos santos populares e a prodígios que lhes são atribuídos. Leite de Vasconcelos considera que o culto de S. Gonçalo de Amarante, protector das velhas casamenteiras, celebrado em quadras licenciosas, poderá ser herdeiro de antigos cultos fálicos. O ilustre etnólogo considera, também, que alguns santos

associados a tradições locais podem derivar da cristianização de anteriores divindades pagãs e dá, como exemplo, S. Torpes, que representaria uma divindade marítima e a cuja sepultura, uma antiga anta, eram levadas oferendas de peixe e pão, que correspondiam a antigos sacrifícios, ou ainda Santa Senhorinha, a quem árvores, fontes, peixes e rãs obedeciam e que teria a sua origem numa divindade das águas.

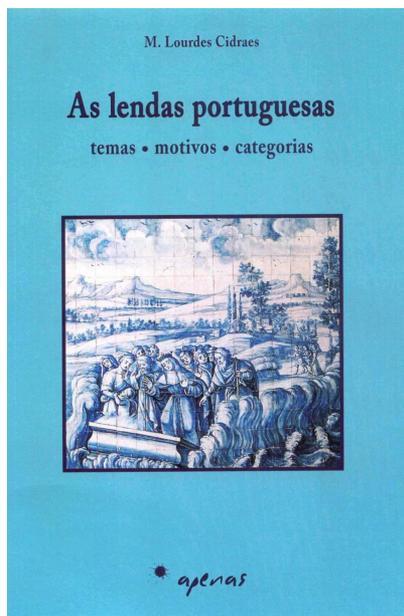
Escrito por Maria de Lourdes Cidraes *As Lendas Portuguesas*, recentemente editado, dá notícia do longo e persistente trabalho de reunião de materiais para a construção do Arquivo Digital de Literatura Oral Tradicional. Uma exaustiva lista de fontes e bibliografia reúne os passos dados na demanda deste peculiar género narrativo que tem como base a oralidade e que nem sempre é devidamente valorizado como importante

repositório da memória colectiva de algumas comunidades. Por *lenda* entende-se uma narrativa fabulosa quase sempre envolvendo uma personagem histórica, muitas vezes confundida com outros géneros literários como o conto, a fábula ou a história. O facto de passar, pela tradição, de geração em geração vai-lhe aumentando as características. Nos séculos XVIII e XIX da era cristã, o estudo destas formas literárias mereceu atenção e fixação por parte de antropólogos, filólogos e estudiosos das religiões. A estudiosa faz um levantamento de um número incontável de lendas associadas a povoações e castelos, montes e penhascos, ribeiros e pontes, suas variantes e o facto de a transmissão oral as ter espalhado por vastas regiões muito diferentes das que lhes deram origens. Anota para os leitores as dificuldades que ainda hoje temos no estudo de um

género que facilmente invade as fronteiras do conto, da história ou hagiografia. A leitura do livro permite a compreensão dos diferentes temas, motivos, origens e categorias, ajudado

por vezes por representações gráficas que se inspiram na narrativa. Explicações simples ou mais complexas são-nos oferecidas por este património que urge conhecer um pouco melhor. **APT**

[RDP África, programa “Nossas Vozes”. Este livro é apresentado por João David Pinto-Correia, no dia 12 de Junho, às 18 horas, no Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal.]



Didier Ferreira, *O Diário Poético de Um Empregado de Balcão*, Lisboa, Esfera do Caos, 2015

Sobre o erro em literatura é uma estranha maneira de começar um livro que ensaia uma teoria da leitura em contos curtos, onde podemos compreender a luta antiga e nova entre tradição e modernidade, da mesma forma que Clarice se apropriou da impossibilidade das mãos do David de Miguel Ângelo para reflectir sobre uma teoria do erro, humano: «*Passsei minha vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Ao tentar corrigir um erro eu cometia outro. Sou uma culpada Inocente.*» Assim, e de forma certa, Clarice Lispector definia a nossa infinita capacidade de errar sobre o erro e Didier Ferreira nos adverte sobre as aparentes »formas simples« com que construirá o seu livro. São textos curtos servidos por uma linguagem clara e a apresentação não pede desculpa para o erro, antes introduz o leitor num uni-

verso particular do autor que não dispensa o recurso a uma leitura da teoria do texto e dos seus cultores, assim como das variações e intermitências a que o processo de produção de um texto está sujeito. Apetece trazer aqui E. M. Foster e o seu *Aspects of the Novel* para colocar o erro numa teoria das probabilidades que, entre o jogo e o pacto, permite uma nova percepção da leitura. Uma teoria do gosto surge como suporte para explicar a complexidade do texto literário em grande ou pequena escala. A harmonia e a beleza da descrição, o momento em que a narrativa se suspende para introduzir a simetria entre o corpo e os movimentos na água impõem uma outra atenção do leitor e tornando-o cúmplice de um universo da beleza a fazer lembrar Umberto Eco no seu *Kant e o Ornitorrinco*, ou os limites da arte na sua perpétua imitação da vida e ca-

pacidade permanente de insinuar e fazer propostas para serem lidas na exacta medida do conto curto, onde os pequenos milagres do quotidiano ganham uma dimensão propiciatória e de efeito que não se perde na capacidade da compreensão.

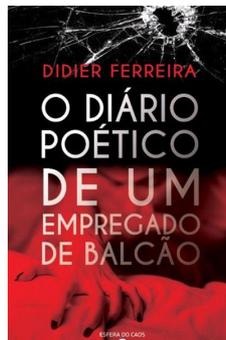
A morte não é menos que nada, mas torna-se omnipresente na capacidade que o autor tem de nos fazer rever esse jogo de espelhos que nos devolve a vida pela cintura sem finais felizes, onde a ideia de morte é um ter que acontecer (Edgar Morin, *O Homem e a Morte*, p. 279), uma caminhada para o abismo, onde se revela a vida verdadeira o princípio do amor, a ilusão. As personagens desempenham função exemplar nesse deixar acontecer que representa, não a vida verdadeira, mas o discurso do autor sobre a identidade do texto que implica reconhecimento, suspensão e desfecho da pequena história que se

conta. Um inventário de perguntas vai-se alinhando para responder à morte como desfecho e necessidade do homem enquanto ser para a morte, sem transgressões, apenas o homem só diante do palco da vida. A enumeração dos instrumentos que se segue à dança da morte (veja-se a página 22) nas suas sequências directas, como se nada fosse, invariavelmente definido, e mesmo assim continuasse nessa marcha sem culpa apenas para cumprir o perigo de ser e estar vivo: «Fez-se silêncio absoluto. E eu esqueci onde estava», diz o autor, enquanto nos apresenta a tela em branco (nudez insuportável do suporte) e o retrato do autor enquanto jovem e o protocolo de leitura, entre estética e poética que integra o leitor. Uma teoria filosófica é-nos fornecida por Heloísa (*Nouvelle Heloise*) ou a exposição da tristeza. A terra já está, por essa altura invadida, pelas chamas e o apocalipse chega enquanto o criador escreve as últi-

mas páginas. Não há salvação para os amantes e a história conta-se a partir de todos os ângulos. A um deus desconhecido Antero (p. 53-55) oferece o rosto imaculado e sem malícia. É no jardim que começa a perdição, nirvana de jardins pejados de «rosas e de espinhos», as marcas do sangue que o autor segue no tiro que estilhaça o vidro e acaba com a angústia de deus e da filosofia e, finalmente, lhe descobre todo o sentido.

Verónica é nome de tecido, véu sobre o passado e história que permite uma digressão pelo tempo, *Historie*, conhecimento e descoberta da verdade oculta sobre pólenes antigos e a infinita capacidade de parar o tempo num único momento que é uma nova revelação entre tempo e narrativa: relógios parados, ampulhetas suspensas, ao contrário do rio onde se banham os malditos e a Verónica cabe fechar as cortinas com a mesma mão com que tapou o rosto do filho de deus.

«Cada alma tem centenas de anos», diz o autor na p. 75, e assim nos lembramos das conversas dos antigos sobre o chão habitado de sábios que percebemos pelo odor e consistência da terra sobre os pés que a pisam. Assim nos deixa o autor pistas para o conhecimento da poética e do discurso.



Didier Ferreira nasceu em Luanda, em 1985. Podemos dizer que a sua escrita se enquadra num movimento (com filiação explícita ou não) de muitos jovens que escrevem a liberdade e fazem gosto em se mover entre tradições literárias, filosóficas e políticas que são do mundo e deles próprios.

A nós de acompanhar.
Ana Paula Tavares

Festival de Cinema Itinerante em Língua Portuguesa, FESTin

O Festival de Cinema Itinerante em Língua Portuguesa, FESTin, iniciou-se em 2010, em Lisboa, tendo como principal objectivo a divulgação de expressões filmicas dos países de língua portuguesa, fomentando, deste modo, o intercâmbio cultural entre os mesmos países. Com frequência anual, o FESTin tem vindo a incentivar a aparição de novos cineastas, a possibilidade de projecção de filmes na sua maioria fora dos circuitos comerciais e, por consequência, proporciona ao público, a que ele ocorre em cada vez maior número, a satisfação da visualização de filmes em língua portuguesa, a realização de debates e mesas-redondas sobre temas ligados ao Cinema, encontros entre realizadores, artistas e público.

Sendo um festival itinerante, é possível aos

países ou comunidades de língua portuguesa espalhadas pelo mundo candidatarem-se a sediar o FESTin, de acordo com os seus interesses e viabilidades de recursos disponíveis.

As Mostras de 2015 dividiram-se em: Competição Longa-Metragem; Competição Curta-Metragem; Mostra Globo Filmes; Maratona de Documentários; Mostra do Cinema Brasileiro; País convidado: Argentina; Homenagem a Timor-Leste; Mostra de Inclusão Social; Mostra Festinha (Filmes infanto-juvenis); Mostra Festin+.

Ao longo de uma semana do mês de Abril (8 a 15), a 6ª Edição do FESTin ofereceu ao público espectador no Cinema São Jorge cerca de 90 filmes, festejando os melhores no último dia do Festival.

O CLEPUL é, a partir deste ano, parceiro do

FESTin, tendo já marcado a sua presença em Festivais anteriores através das filmagens, presidência de Júri e direcção da mesa-redonda *Timor, janela aberta*, de dois dos seus investigadores, Simion Doru Cristea e Maria João Coutinho. O CLEPUL projecta agendar para o início do próximo ano lectivo da Faculdade de Letras de Lisboa, junto com a direcção do FESTin, uma Semana de Curtas e Longas-Metragens de todos os Países de Língua Portuguesa.

À organização, direcção (Victor Serra, Léa Teixeira, Adriana Niemeyer) e demais membros, desejamos os maiores sucessos e uma longa vida ao FESTin. O Cinema em Língua Portuguesa necessita de ser visto, discutido e apreciado.

Maria João Coutinho

Ordens e Congregações Religiosas e 25 de Abril

Conferência proferida por José Eduardo Franco
no Instituto de Justiça e Paz, em Coimbra

A Revolução dos Cravos e os anos de transição, marcados por alguma instabilidade, que permitiram a assunção de um novo regime republicano sob o signo da democracia, criaram expectativas e apreensão em relação ao tratamento que iria ser dado às OCR ligadas à Igreja Católica. Consoante a inscrição ideológica dos protagonistas e correntes em jogo no processo revolucionário, houve quem desejasse a reedição das medidas de expulsão destas instituições, à semelhança do que tinha

acontecido em momentos históricos marcados por reformas severas e revoluções no nosso país: reformas pombalinas e a expulsão dos Jesuítas (1759), Revolução Liberal (1820) e limitação crítica da presença das OCR, guerras liberais e extinção das Religiosas (1834), Revolução Republicana (1910) e a expulsão das OCR e subsequente Separação da Igreja do Estado.

Não obstante as apreensões próprias deste período de incerteza, a deriva do processo revolucionário acabou por enveredar pela via mode-

rada de uma democracia pluralista que manteve a Concordata com a Igreja Católica e aceitou, à luz dos valores da liberdade, da tolerância e do respeito pelas diferentes opções de vida, manter as OCR em Portugal e contar com os religiosos como construtores da nova sociedade democrática, onde se mantiveram numa dinâmica de renovação e adaptação, e até, nalguns casos, reforçaram a sua presença no campo da educação e da assistência social.

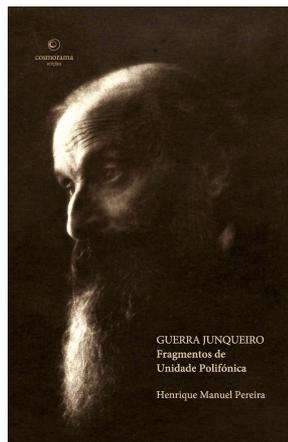


Henrique Manuel Pereira, *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica*

O mais recente livro de Henrique Manuel Pereira, *Guerra Junqueiro: Fragmentos de Unidade Polifónica*, foi lançado a 24 de Abril, na Universidade Católica do Porto, com apresentação de A. Cândido Franco.

Ao longo de mais de 500 páginas, «muitas são as vozes que, em diálogo, se fazem ouvir neste novo trabalho [...]. Ao lado de páginas de documentação mal conhecida ou de todo igno-

rada e de luminosa hermenêutica textual, deparamos – escreve Luís Machado de Abreu – com a muito conveniente demolição de ideias feitas». Para António Cândido Franco, o «gigantesco trabalho que Henrique Manuel Pereira tem vindo a desenvolver em torno do autor de *Pátria* configura um ponto de viragem claro, irrefutável e inestimável no entendimento de Guerra Junqueiro».



OUTROS LANÇAMENTOS

4 de Maio

FNAC Colombo – *Com franqueza ... Crónicas num tempo em mudança*, de Joaquim Franco, apresentado por Felisbela Lopes, António Sampaio da Nóvoa, Ângela Roque e António José Teixeira



14 de Maio

Fundação Eng. António de Almeida – *Rui Rio*.

Raízes de Aço, de Carlos Mota Cardoso, apresentado por Paulo Rangel

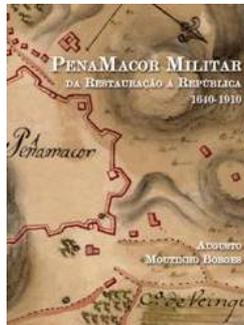


14 de Maio

Centro Universitário Padre António Vieira – *A Força dos Dias*, de Henrique Manuel Pereira e Vasco Pinto Magalhães, apresentado por José Eduardo Franco



da Comissão Portuguesa de História Militar – Ministério da Defesa Nacional, e por José Eduardo Franco

**12 de Junho**

Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal – *As Lendas de Portugal. Temas. Motivos. Categorias*, de M. Lourdes Cidraes, apresentado por João David Pinto-Correia

13 de Junho

Feira do Livro, Pavilhão da Âncora Editora – presença de Teresa Martins Marques, Ernesto Rodrigues e investigadores editados, ou apoiados, pelo CLEPUL

20 de Maio

Biblioteca da Imprensa Nacional – *Joaquim de Vasconcelos: historiador, crítico de arte e museólogo*, de Sandra Leandro, apresentado por Raquel Henriques da Silva

23 de Maio

Casa-Museu Passos Carneiro – *Estados Unidos da Europa – Ecos do Ideal Republicano de Victor Hugo*, de Isabel Baltazar, apresentado por Leonor Leitão-Cadete

15 de Junho

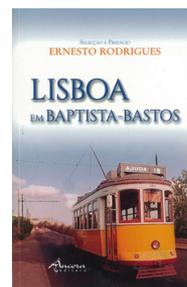
Sala do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa – *Lisboa em Baptista-Bastos*, de Ernesto Rodrigues, com a presença de Baptista-Bastos

21 de Maio

Biblioteca Prof. Doutor Amadeu Andrés – *Penamacor Militar, da Restauração à República 1640-1910*, apresentado pelo Tenente-General Alexandre de Sousa Pinto, Presidente

27 de Maio

Palácio da Cruz Vermelha Portuguesa – *Palácio dos Condes d'Óbidos. História e Património*, coordenado por Augusto Moutinho Borges, apresentado por Manuela Mendonça



SEMINÁRIOS [à Hora do Almoço]

6 de Maio

Sessão LXIII:
Pablo Javier Pérez Lopez, “Três gerações de escritores suicidas”

13 de Maio

Sessão LXIV:
Edvaldo Bergamo, “Pas-
sados contestados: o ro-
manço histórico pós-co-
lonial”

27 de Maio

Sessão LXV: Tania Mar-
tuscelli, “Intelectuais
portugueses e brasilei-
ros: tópicos para uma
discussão de hibridismo
cultural”

CONFERÊNCIAS

9 de Maio

Centro Português de Fo-
tografia: Isabel Ponce
de Leão, ciclo de confe-
rências “Mistérios de Ca-
milo”

14 de Maio

Biblioteca da Escola Se-
cundária Pedro Nunes:
Fernando J. B. Marti-
nho, “Cesário Verde e a
poesia portuguesa con-
temporânea”

15 de Maio

Biblioteca Municipal de
Almada: Isabel Ro-
cheta, “A poesia de
Jorge de Sena: uma re-
flectida espontaneidade”

20 de Maio

Sala Pablo Neruda, Bi-
blioteca Municipal de
Almada: Teresa No-
bre de Carvalho, *Co-
lóquios dos Simples* de
Garcia de Orta. Sessão

do Ciclo de Conferên-
cias sobre Literatura de
Viagens organizado por
Glória de Brito

27 de Maio

Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa:
Vicente Alves do Ó, “Ci-
nema Português: um
caso de amor”, acti-
vidade promovida no
âmbito do GECAPA
TALKS

DEBATES E PALESTRAS

6 de Maio

Sala do Senado da Rei-
toria da Universidade de
Aveiro: José Eduardo
Franco e Luís Machado
de Abreu na Tertúlia
“Ética e Heranças Inqui-
sitoriais”

11 de Maio

Escola Secundária Fer-
nando Lopes Graça (Pa-
redes): Rui Costa Pinto,
“Gago Coutinho: Ho-
mem de Ciência e de
Cultura”

13 de Maio

Auditório da Univer-
sidade Europeia: III
Mesa-Redonda “Portu-
gal no Mundo”, subor-
dinada à temática “A
Língua Portuguesa e os
seus Embaixadores”

com a participação de Fernando Luís Machado, Ana Paula Laborinho, Isabel Casanova e Maria do Carmo Vieira

19 de Maio

Centro Cultural da Malaposta: V Encontro de Escritores Lusófonos, participação de Beatriz Weigert, juntamente com João de Melo, Tony Tcheca, Ungulani Ba Ka Khosa e Zetho Cunha Gonçalves, na mesa “Literatura(s) de Língua Portuguesa: Um Caminho de Palavras Vou Abrindo”

21 de Maio

Centro de Exposições de Odivelas: V Encontro de Escritores Lusófonos, participação de Ana Paula Tavares, juntamente com Adelino Timóteo, Iacyr Anderson Freitas e Maria Barroso, na mesa “No ofício da escrita: tudo isto é humano e anda ligado aos sentimentos”

22 de Maio

Auditório do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe: Romero Venâncio, “Antiexistencialismo”, iniciativa inte-

grada no I Ciclo de Debates sobre Culturas em Negativo, promovido pelo Núcleo de Estudos de Cultura da Universidade Federal de Sergipe

22 de Maio

Bulhosa de Entrecampos: Miguel Real, José Eduardo Franco, Sofia A. Carvalho e Helena Costa de Carvalho participam na sessão de divulgação do Segundo Congresso Internacional do Triénio Pascoalino subordinado à temática “*A Arte de Ser Português*”

Livros que falam

No dia 29 de Abril de 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian, foi apresentado o espectáculo “Livros que falam”, com textos de José V. de Pina Martins, dramaturgia e direcção de Silvina Pereira e interpretação de Júlio Martín. Este espectáculo está integrado na exposição “Uma Biblioteca Humanista – Os objectos procuram aqueles que os ama”, em exibição no mesmo local, de 27 de Fevereiro a 26 de Maio

de 2015, na Galeria de Exposições Temporárias.

Sinopse:

Fim de tarde. Um homem sentado num cadeirão, na sua biblioteca, revive de memória alguns episódios marcantes da sua deambulação pela vida misteriosa dos livros. Contamos algumas histórias sobre eles, mais precisamente, sobre alguns dos mais desejados e procurados exemplares que

ajudaram a completar a sua biblioteca. Esse homem é um sábio, um insigne bibliófilo, e a sua vida são os seus livros. Aos seus olhos, o mundo é um grande livro escrito a várias mãos. Perante tal riqueza de conhecimento, são muitas as histórias, os amigos, as cidades, as ruas, que nele habitam e que tomam corpo e voz. Os livros ganham vida, quase que têm voz. Queixam-se e falam de si.

“A Educação Literária no Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico – 2º e 3º ciclos”
1-8 de Julho de 2015 (15h00-16h30 e 16h45-20h15)

DESTINATÁRIOS: Professores dos Grupos 200, 210, 220 e 300.

APRESENTAÇÃO DO CURSO E SEU ENQUADRAMENTO: Prevendo-se para breve a homologação do Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, que entrarão em vigor no ano lectivo de 2015/2016, pode perspectivar-se de um modo coerente o ensino do Português nos três primeiros ciclos de ensino. Uma consulta atenta do documento referido permite perceber que as exigências no domínio da Educação Literária implicam uma boa preparação dos professores, sendo fundamental a existência de cursos de formação que assegurem essa mesma preparação.

A Faculdade de Letras é a escola de Humanidades da ULisboa, e tem vindo a assegurar a formação inicial de professores desde 1987. Faz assim todo o sentido que tenha definido como estratégica a formação contínua de professores,

apostando no desenvolvimento e aprofundamento dos seus conhecimentos e capacidades, por forma a garantir um desempenho mais esclarecido, crítico e rigoroso, capaz de proporcionar às crianças e jovens as ferramentas indispensáveis para um mundo complexo e em rápida transformação.

OBJECTIVOS: Aprofundar conhecimentos sobre o Programa e Metas Curriculares de Português do EB; aperceber-se das relações de continuidade e progressão no domínio da Educação Literária, no 2º e 3º ciclos; abordar géneros e autores de 2º e 3º ciclos; programar actividades no âmbito da Educação Literária.

CREDITAÇÃO: 25h – 1 crédito.

ACREDITAÇÃO: Foi solicitada a acreditação do curso ao CCPFC.

AVALIAÇÃO: Assiduidade e pontualidade 10%; participação oportuna e construtiva 15%; relatório final individual (4-5 páginas, a entregar até 15 de

Setembro) 75%.

INSCRIÇÕES ATÉ 10 DE JUNHO DE 2015: Geral: 25 Euros; Professores Cooperantes da ULisboa: 20 Euros.

INSCRIÇÕES ENTRE 11 E 25 DE JUNHO: Geral: 35 Euros; Professores Cooperantes da ULisboa: 30 Euros.

PAGAMENTO: a efetuar, de preferência, por transferência bancária para o NIB – 0035 0824 00011450130 14 (IBAN: PT50 0035 0824 00011450130 14; BIC SWIFT – CGDIPTPL) ou na Tesouraria da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (das 9 horas às 17 horas).

Os comprovativos dos pagamentos efectuados por transferência bancária deverão ser enviados para o email clepul@letras.ulisboa.pt.

NÚMERO MÁXIMO DE INSCRITOS – 30 (inscrições aceites pela ordem de chegada).

SALA: 2.1, no rés-do-chão da FLUL.

Centenário da revista *Orpheu* assinalado em São Paulo

As comemorações dos cem anos da revista *Orpheu*, no Brasil, decorreram entre 25 e 28 de Maio, em São Paulo. Além do Congresso 100 *Orpheu*, contemplam ainda uma exposição sobre a revista, a exibição de um filme e uma festa. O Congresso Luso-Brasileiro 100 *Orpheu* realiza-se em São Paulo, até quinta-feira, com a participação de investigadores de diversos países que se reunirão em cinco conferências, 18 mesas de debate e dez sessões de comunicação, sobre a experiência modernista portuguesa e outros temas ligados à publicação surgida em Março de 1915 e aos seus autores. Dentro do congresso, em São Paulo, haverá a exibição do filme “Conversa Acabada” (1981), primeira longa-metragem do realizador João Botelho, que trata do encon-

tro de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, num panorama de crise política e moral da sociedade portuguesa, em vésperas de entrada na Grande Guerra de 1914/18 e do suicídio do autor de *A confissão de Lúcio*. O investigador Fernando Cabral Martins, que assumiu o papel de Fernando Pessoa no filme, é um dos conferencistas do congresso e vai participar num debate sobre a obra.

A presidente da comissão organizadora do congresso no Brasil, Lilian Jacoto, disse à *Lusa* que o evento terá a mesma estrutura do congresso que se realizou em Portugal, há dois meses: «Estamos procurando dar tempo para falar e discutir, numa tentativa de retomar uma conversa mais alongada». «A revista teve influência sobre o modernismo brasileiro. No ensino da

literatura portuguesa, ela é abordada como uma das revoluções artísticas importantes, por conta dos nomes que envolve – todos autores de grande peso para a modernidade e para a contemporaneidade», afirmou Jacoto.

A primeira etapa do congresso arrancou a 19 de Março, no Porto, prosseguindo depois na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, de 24 a 28 de Março.

O Congresso Internacional do Centenário de *Orpheu* é organizado em parceria pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o Laboratório de Estudos de Poéticas e Ética na Modernidade, da Universidade de São Paulo. No Brasil, conta ainda com o apoio da Embaixada de Portugal e do Instituto Camões.

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro